

PALAVRA

1. Significado. O substantivo hebraico *dābār* significa tanto “p., discurso” como “coisa, objeto, acontecimento”; quanto ao verbo ‘amar traduz o simples ato de falar e por vezes o fato de pensar (dizer-se, pensar de si para consigo). Dessa forma, nas culturas orientais, assim como nos povos “primitivos”, a p. não é apenas a expressão de um pensamento ou de uma vontade, mas a própria realidade que se designa. Mais do que um som, é uma coisa, invisível, mas real, como um sopro saído com ela da boca. Também os textos muitas vezes colocam em paralelo p. e sopro (rûah): Salmos 33,6; 147,18; Isaías 11,4; 34,16, Provérbios 1, 23; Jó 15,13, Judite 16,14. Intimamente unidos ao dinamismo interior de quem a pronuncia, exterioriza o que estava primeiro no coração (Lc 6, 45). Uma vez proferida, permanece ativa e eficaz: Isaac não podia mais retomar sua bênção concedida a Jacó (Gn 27,35-37); a maldição pronunciada por Josué pesava ainda dois séculos mais tarde sobre aquele que reconstruiu Jericó (1Rs 16, 34); só uma bênção contrária poderá, com sua força, acabar com uma maldição (Jz 17,2; 2Sm 21,3).

2. Poder

A. O AT. Entre todos os povos se encontra a crença na eficácia de algumas p.: os israelitas atribuíam esse poder da p. à própria fórmula ou ao poder daquele que a proferia. Mesmo nesse último caso a eficácia da p. era considerada mágica e constringedora para a divindade. Embora em Israel as ideias e práticas mágicas tenham sempre existido nas camadas populares, os verdadeiros javistas atribuíam o poder da p. à vontade de Javé. Essa “magia do verbo” impregna toda a vida, desde o nome imposto à criança e que escolhe seu destino até os lugares em que os nomes são carregados de sentido, passando pelo talento poético dos profetas, que gostam de brincar com as palavras (Am 8,2; Jr 1,11; Mq 1,10-15; Is 10,29-31). Em Israel como nos povos dos arredores algumas pessoas eram dotadas de uma p. particularmente poderosa. Assim, o rei messiânico detém uma p. temível, porque o Espírito de Javé repousa sobre ele (Is 11,4; 2Ts 2,8; Ap 19,15-21); porque ele é o “homem do sopro de Deus” (Mq 3,8), nenhuma palavra do profeta permanece sem efeito: como uma espada (Is 49,2) ou um fogo devorador (Jr 5,1; 23,29), elas são terríveis (Os 6,5). Com respeito a Moisés será conhecido como poderoso em p. e em atos (Eclo 45,3; Nm 20,8; Sl 105,31-34; At 7,22). As bênçãos proferidas pelos levitas devem sua eficácia à instituição divina (Dt 10,8; 1Cr 23,13). O homem recebe de seu criador poder de dar nomes aos animais (Gn 2,19). Uma vez que sua eficiência depende totalmente de Deus, a p. jamais se toma em Israel um ser pessoal ou uma divindade.

B. O NT. Os evangelhos consideram poderosa a p. de Jesus: ensinava com autoridade (Mt 7,29; Mc 1,22; Lc 4,32) e por sua p. eficiente curava os doentes (Mt 8,8; Lc 7,7; Mc 2,10), expulsava os maus espíritos (Mt 8,16; Mc 1,25 s.), ressuscitava os mortos (Lc 7,14 s.) e acalmava a tempestade (Mc 4,39). Ressuscitado, confirma a p. de seus enviados por meio de milagres que realizam em seu nome (Mc 16,20; Hb 2,4).

3. Prática. Se a p. representa a pessoa, ela é então a pedra de toque das qualidades humanas. Por causa do mau uso que ele faz delas, reconhece-se o palrador (Eclo 20,5-8; o bobo (Eclo 20,18), o mau (Pr 12,6) e aqueles que caluniam e ofendem (Sl 15,10; 10,7; Pr 26,22). Da mesma forma o sábio e o cristão se guardarão de qualquer desvio de linguagem (Ecl 3,7; Eclo 1,24; 28,25; Tg 1,19; 3,2-12). O próprio Cristo se levanta contra qualquer desvio da p. e recomenda um uso sóbrio e leal das p. (Mt 5,33-37), mesmo na oração (Mt 6,7). A p. humana possui vocação para ser fonte de vida (Pr 18,4), consolar e edificar (1Cor 14,3), para se tornar p. de Deus.

Bibliografia TWNT, IV, 69-147. -TWAT, I, 353-373; II, 89133. - P. HEINISCH, *Das Wort im A.T. und im alten Orient*, Münster, 1922. - E. REPO, *Der Begri Rhéma im BiblischGriechischen*, Helsinki, 1951, 1; 1954, II. - G. VON RAD, *Théologie de l'A.T.*, Geneve, 1963, II, 72-77. - J. BARR, *Sémantique du langage biblique*, Paris, 1971, 155-166. - DAFB

PALAVRA DE DEUS A p. de D. é a realidade fundamental da revelação bíblica: Javé é um Deus que fala, enquanto os ídolos são mudos (Sl 115, 5; Br 6, 7; 1Rs 18, 29); por último, “nos falou num Filho” (He 1, 2).

1. AT. No AT as expressões “a palavra de Javé”, “as palavras de Javé”, “a palavra” ou “as palavras” significam na maioria das vezes as vontades ou os pensamentos de Deus revelados a homens escolhidos para todo o povo. O profeta é por excelência o homem da p. de D. (Jr 18,18) que faz a experiência irreprimível (Am 3,8; Jr 20,7-9); fazê-lo

calar é pecar contra Deus (Am 2,12; 7,10-17). A Moisés Deus falou diretamente, de boca a boca (Nm 12,6-8), fazendo-o conhecer sua vontade, expressa em mandamentos e disposições da aliança para todo o Israel: essas são as “dez palavras” (Ex 20,1-7; 34,28; Dt 5,1-22; -* Decálogo). O Deuterônimo se apresenta como o livro das palavras dirigidas por Deus a Moisés: ele sublinha a atualidade e a proximidade permanentes (Dt 26,16; 30,14). Elas são os mandamentos, leis e costumes aos quais é necessário obedecer para ter a vida (Dt 6,1-9; 32,45-47; S1119).

Criadora de mundos e da história, a P. de D. está sempre agindo. Preside ao surgimento do universo; por ela tudo foi feito (Gn 1; Sl 33,6. Eclo 39,17-31) e tudo continua sendo levado (Sl 147,15-19; Jó 37,5-13). É por ela que Javé intervém constantemente na história de seu povo: todo acontecimento é realização de uma palavra. Os livros históricos (Josué, Juízes, 1-2 Samuel, 1-2 Reis), qualificados pelo cânon judaico de “profetas primeiros”, acentuam essa atividade permanente da p. de D. que dirige a história de Israel, principalmente pela intervenção dos profetas. O Dêutero-Isaías descreverá a soberana eficiência (Is 40,8; 55,10-11: começo e fim do Dêutero-Isaías); ela permanece sempre e não volta sem efeito; cria ao mesmo tempo os mundos e a salvação (Is 44,24-28); faz renascer a vida lá onde triunfa a morte (Ez 37,1-15); é alimento e alegria para que haja restauração (Dt 8,3; Jr 15,16; Ez 3,1-3; Sb 16,26) e cura o pecador (S1107,20).

A p. de D., portanto, muitas vezes descrita com traços vigorosos, é eterna (Is 45,23), eficiente na execução das vontades divinas (Os 6,5; Is 55,10; Sb 18,14-19; Sl 105,31-35) e ainda é irresistível (Js 21,45; 23,14; Dt 18,21; Jt 16,14).

No entanto, ela não age por suas próprias forças: Deus a realiza (Dt 9,5; Is 44,26; Lm 2,17; Nm 23,19). Contudo, muitas vezes a palavra é apresentada com alguma independência em relação a Javé (Dt 30,14), como separada dele, como mensageira de seu desejo (Is 55,11; Sl 147, 15-18; Sb 18,14,25); os próprios profetas experimentam a realidade prenhe da Palavra. Essa espécie de personificação se enraíza, no Oriente antigo, na concepção dinâmica, quase mágica da palavra. Decorre, ao mesmo tempo, do lugar único da p. de D. no AT. Só se pode concluir, então, que ela tenha sido, mesmo tardiamente, compreendida como uma pessoa, portanto hipostasiada: as expressões usadas, porém, dizem mais que os simples efeitos poéticos. Desse modo, as reflexões sobre a Sabedoria parecem condensar alguns aspectos da p. de D. (saída da boca do Altíssimo: Eclo 24,3; Sb 9, 1-4; identificada com a Torá: Eclo 24,23). Unido à atividade da palavra, muitas vezes o Espírito de Deus está atingido (Gn 1,2-3; Nm 11,29; Ez 2,1-2; 37,4-51. Na literatura dos targums, a palavra (aramaico *memrā'*) é um dos vocábulos usados para evitar o emprego do nome de Javé.

2. NT. Com a revelação cristã, a p. de D. adquire uma dimensão, mesmo se os principais aspectos do AT continuam presentes. Jesus Cristo é a Palavra tornada carne (Jo 1,14); sua própria palavra e sua vida são p. de D. definitiva (Hb 1,1-4), realização de todas as promessas (2Cor 1,20) e Verbo de Deus (Ap 19,13); como outrora a palavra, ele é o enviado. Cristo é a testemunha fiel e verdadeira, o ponto de partida ou o princípio da criação (Ap 1,5; 3,14; Cl 1,15-18) e a Palavra da vida (1Jo 1,1 – Logos). Se a expressão designa sucessivamente a palavra dirigida a um profeta (Lc 3,2; Ap 19,9), os mandamentos de Deus (Mc 7,13) ou as Escrituras (Mt 15, 4; Mc 12,26; Rm 15,10; 2Cor 6,2; Hb 1,5-13; 2, 12-13; 3,7; 8,8), a p. de D. é, na maioria das vezes, a boa notícia anunciada e realizada por Jesus (Lc 5,1; 8,4-15.21; At 4,31; 13,5.46; 1Cor 14,36; 2Cor 2,17; -> evangelho). Proclamada como tal, ela é "a palavra de verdade, a boa-nova da salvação" (Ef 1,13), verdadeiramente a p. de D. (1Tm 2,13;), ativa e viva (Hb 4,12; 1Tm 2,13), incisiva (Ef 6,17; Hb 4,12-13), força de Deus (1Cor 1,18) que não se poderá aprisionar (2Tm 2,9). Lei perfeita de liberdade, ela traz a salvação da alma (Tg 1,21-25). Muitas vezes os apóstolos apelarão a uma palavra de Jesus como à autoridade suprema (1Cor 7,10; Tg 1,6.22; 2, 5; 3,18; 4,4 etc.).

Com efeito, Jesus, ao ensinar com autoridade (Mt 7,29), diferentemente dos escribas, não recorria como eles à autoridade da Escritura e às tradições dos pais (Mt 15,2; Mc 7,3), pois ensinava com a força de sua própria autoridade (Mt 5,22.28.32.24.39). Sua palavra é a mesma do Pai (Mt 11,27; Jo 14,10.24; 17,8); quem quiser possuir a vida eterna deverá aderir a ela (Jo 5,24); quem quiser escapar da morte (Jô 8,51), ser salvo (Mt 7,24-27) deverá escutá-la e colocá-la em prática (Lc 8,21). As palavras de Jesus são espírito e vida (Jo 6,63; At 5, 20; Fl 2,16) e palavras de vida eterna (Jo 6,68). A p. de D. ressoa através da palavra humana, principalmente pela boca das testemunhas oculares do Ressuscitado, e sua pregação fundará a fé de toda a Igreja (Lc 1,1-4). Servidores da Palavra, essas testemunhas não retêm apenas um ensinamento recebido, elas anunciam a salvação com segurança (At 28,31) e sob o poder do Espírito (At 1,8; 4,31; 10,44). A p. de D. que pregam não é outra coisa senão o mistério outrora escondido, hoje revelado em Cristo, o próprio Cristo que está entre nós (Cl 1,25-27; Ef 3,1-13).